

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

# O sujeito em Lacan e o ponto de ver autista em Deligny: diferentes modos de ser humano

Carlos Henrique Machado

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.15551>

Submetido em: 2026-03-22

Postado em: 2026-05-04 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

## **O sujeito em Lacan e o ponto de ver autista em Deligny: diferentes modos de ser humano**

### **The subject in Lacan and the autistic point of view in Deligny: different ways of being human**

### **El sujeto en Lacan y el punto de vista autista en Deligny: diferentes maneras de ser human**

**Carlos Henrique Machado**

**FLUP – Faculdade de Letras da Universidade do Porto - Portugal**

<https://orcid.org/0000-0003-0774-972X>

#### **Resumo**

Este artigo analisa a constituição do sujeito na psicanálise lacaniana e o contraste com o ponto de vista autista proposto por Fernand Deligny. Partindo da concepção de Jacques Lacan de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, discute-se o processo de alienação e separação que inscreve o sujeito na ordem simbólica, bem como a função da forclusão na estruturação das psicoses. Nessa perspectiva, a ausência de inscrição simbólica — como ocorre no autismo — é interpretada como falha de constituição subjetiva e afastamento do padrão do humano. Em contraponto, Deligny propõe uma noção de humanidade não fundada na linguagem. Assim, enquanto a psicanálise define o humano pela submissão à estrutura simbólica, Deligny identifica, no fora da linguagem, a possibilidade de uma existência impessoal e comum, que resiste à domesticação do sujeito. O contraste entre Lacan e Deligny permite repensar os limites entre linguagem, subjetividade e humanidade.

**Palavras-chave:** Lacan; linguagem; sujeito; Deligny; autismo.

#### **Abstract**

This article analyzes the constitution of the subject in Lacanian psychoanalysis and its contrast with the autistic perspective proposed by Fernand Deligny. Based on Jacques Lacan's conception that the unconscious is structured like a language, the article discusses the process of alienation and separation that inscribes the subject in the symbolic order, as well as the role of foreclosure in the structuring of psychoses. From this perspective, the absence of symbolic inscription—as occurs in autism—is interpreted as a failure of subjective constitution and a departure from the standard of the human. In contrast, Deligny proposes a notion of humanity not grounded in language. Thus, while psychoanalysis defines the human by submission to the symbolic structure,

Deligny identifies, outside of language, the possibility of an impersonal and common existence that resists the domestication of the subject. The contrast between Lacan and Deligny allows us to rethink the boundaries between language, subjectivity, and humanity.

**Keywords:** Lacan; language; subject; Deligny; autism.

### Resumen

Este artículo analiza la constitución del sujeto en el psicoanálisis lacaniano y su contraste con la perspectiva autista propuesta por Fernand Deligny. Partiendo de la concepción de Jacques Lacan de que el inconsciente se estructura como un lenguaje, el artículo discute el proceso de alienación y separación que inscribe al sujeto en el orden simbólico, así como el papel de la forclusión en la estructuración de las psicosis. Desde esta perspectiva, la ausencia de inscripción simbólica — como ocurre en el autismo — se interpreta como un fracaso de la constitución subjetiva y una desviación del estándar de lo humano. En contraste, Deligny propone una noción de humanidad no basada en el lenguaje. Así, mientras el psicoanálisis define lo humano por la sumisión a la estructura simbólica, Deligny identifica, fuera del lenguaje, la posibilidad de una existencia impersonal y común que resiste la domesticación del sujeto. El contraste entre Lacan y Deligny nos permite repensar los límites entre lenguaje, subjetividad y humanidad.

**Palabras clave:** Lacan; lenguaje; sujeto; Deligny; autismo.

### Introdução

Desde Sigmund Freud até as formulações mais contemporâneas da teoria psicanalítica, o sujeito é pensado como aquele que se constitui no campo do simbólico, na mediação do discurso, sendo o humano concebido a partir da relação com a linguagem — entendida como fundamento da subjetividade e condição da própria experiência.

Na tradição psicanalítica, essa estrutura simbólica é compreendida como matriz constitutiva do psiquismo. Freud (1900/1972, 1917/1976, 1939/1975) já havia evidenciado o papel central da linguagem no processo de subjetivação, ao mostrar que o psiquismo emerge em e através da mediação simbólica. Mas foi Jacques Lacan (1954/1985) quem formulou a linguagem como ordem simbólica estruturante do inconsciente, definindo o sujeito em sua relação com o Outro.

Essa perspectiva corrobora a crença de que a humanidade se identifica com a capacidade de adentrar esse campo simbólico, de se tornar sujeito da linguagem e, portanto, sujeito do desejo. A linguagem funciona como uma porta de entrada para a humanidade, mediando a experiência e criando as condições de possibilidade para o existir enquanto sujeito.

Esse quadro ressalta a complexidade da relação entre linguagem, subjetividade e humanidade. A entrada na linguagem não é neutra; ela constitui uma inscrição em um campo que, ao mesmo tempo que abre possibilidades, impõe limites e normatividades. É nessa dimensão que Fernand Deligny propõe um deslocamento radical: questionar a ideia de que o humano se define pela adequação a um padrão simbólico e propor que a humanidade possa ser compreendida como uma tendência inata a desconcertar os modos hegemônicos de existir.

Deligny (1978/2017), afirma que a linguagem não funda a humanidade, mas constitui antes um dispositivo de domesticação: um processo pelo qual o adquirido não apenas invade, mas substitui o inato, cobrindo a percepção singular com a história acumulada. Nesse movimento, o humano é reduzido à forma-sujeito da linguagem, agindo e percebendo segundo uma gramática histórica e ideológica que obscurece a originalidade precisa da experiência.

Propõe, porém, uma outra via: acompanhar aquilo que escapa à captura da linguagem. Sua experiência com crianças autistas revela que existem modos de vida que não se deixam traduzir pelas categorias do sujeito de linguagem. Nas suas palavras, trata-se de desenhar mapas, seguir linhas errantes, acompanhando um “ponto de ver” que difere radicalmente do ponto de vista do sujeito. Essa diferença expõe uma ruptura: a vacância da linguagem não aparece como ausência, mas como possibilidade de um não-sujeito, isto é, de uma existência que se dá fora da forma-sujeito e das estruturas ideológicas que ela carrega.

A partir dessa constatação, Deligny reivindica um gesto ético e epistemológico: deslocar o olhar do ponto de vista que traduz e nomeia para um ponto de ver que acompanha, sem apropriar. Essa prática é orientada por uma metáfora — a da bússola — que aponta para um “norte” humano. Este norte, porém, não coincide com os produtos ideológicos da linguagem; antes, ao contrário, remete a um “algo mais” que escapa à domesticação — um humano que se dá como presença impessoal e intermitente.

## **O sujeito em Lacan**

A constituição do sujeito humano está articulada, em Lacan (1954/1985), à entrada na linguagem — à inscrição do sujeito na ordem simbólica. Essa entrada não é um mero aprendizado, mas a condição estruturante da existência humana. É o que permite ao sujeito organizar sua experiência, estabelecer relações com os outros e dar sentido ao seu

mundo. A normalidade, na perspectiva lacaniana, é estruturada pela adesão a essa ordem simbólica. Contudo, Lacan demonstra que essa entrada nem sempre se efetiva plenamente. Em certos casos, há desvios estruturais: mecanismos pelos quais o sujeito não se inscreve na ordem simbólica de forma regular. A psicose é um desses desvios fundamentais.

O problema da causação da constituição do sujeito pelo universo simbólico é tratado por Lacan no *Seminário II* (1964/1985) em a *Posição do inconsciente* (1964/1998). Ele separa esse processo em duas operações: a *alienação* e a *separação*. O sujeito para Lacan nasce pela ação da linguagem. “(...) o efeito de linguagem é a causa introduzida no sujeito. Por esse efeito, ele não é causa de si mesmo, mas traz em si o germe que o cinde” (Lacan, 1964/1998, p. 849).

Na *alienação*, o sujeito é dividido e alienado entre o ser (a falta, o que falta) e o sentido (a construção simbólica que o constitui). Diante do *Outro*, campo simbólico onde a cadeia de significantes se desenrola e o constitui, o sujeito submete-se a uma estrutura sociolinguística que o define, sacrificando grande parte de seus interesses e emergindo no campo do sentido (Lacan, 1964/1985). Contudo, o sentido não compensa a perda do ser, representando, assim, uma falta. O sujeito emerge apenas na medida em que se inscreve no campo do significante; mas esse mesmo processo implica também no signo da perda de ser e da falta estrutural que o atravessa.

Na perspectiva lacaniana, o sujeito só advém pela inscrição na ordem simbólica, isto é, pelo atravessamento da linguagem enquanto estrutura que o precede e determina. Esse mesmo processo que o faz surgir como efeito do significante é também o que o condena à divisão: o sujeito só se constitui na medida em que se perde no significante, emergindo como resto de uma operação que o despossui de seu ser. Assim, a entrada na linguagem é simultaneamente fundadora e portadora da perda — dá existência ao sujeito enquanto falta, instaurando a distância entre o ser e o dizer.

A constituição do sujeito, para Lacan, é inseparável do campo do *Outro*, entendido como o lugar da linguagem e do significante. É nesse campo que o sujeito se inscreve e, ao mesmo tempo, se perde — pois a linguagem, ao representá-lo, o aliena de si. O sujeito não é origem de sentido, mas efeito da cadeia significante que o precede e atravessa. Como afirma Lacan no *Seminário XI* (1964/1985), “(...) nesse primeiro acasalamento significante que nos permite conceber que o sujeito aparece primeiro no Outro, e no que

ele representa o sujeito para um outro significante” (p. 207). Essa formulação indica que o sujeito surge da relação diferencial entre significantes —  $S_1$  e  $S_2$  —, onde o primeiro funciona como ponto de identificação e o segundo como aquilo que o traduz, o repete e o reinscreve no circuito do sentido.

O par significante  $S_1$ – $S_2$  constitui, assim, o eixo fundamental da *alienação*. O primeiro significante ( $S_1$ ) representa o sujeito para o segundo ( $S_2$ ), mas nessa operação o sujeito nunca coincide consigo mesmo: ele só existe na medida em que é representado, ou seja, substituído por um significante no campo do Outro. É o movimento de uma cadeia em que o sujeito está sempre ausente do lugar onde é significado. Essa dinâmica introduz o que Lacan denomina “falta-a-ser” (*manque-à-être*): o sujeito é o efeito da diferença entre os significantes, um ponto de apagamento entre  $S_1$  e  $S_2$ , “(...) a saber, que o significante é o que representa o sujeito para o outro significante. De onde resulta que no nível do outro significante, o sujeito se desvanece” (Lacan, 1964/1985, p. 223).

Desse modo, a *alienação* não é um acidente secundário, mas o próprio modo de existência do sujeito. Ser sujeito é estar alienado na linguagem — ser falado pelo *Outro* antes mesmo de poder falar. A experiência de si é mediada por uma rede simbólica que antecipa, delimita e estrutura o que pode ser dito, pensado ou desejado. O *Outro*, enquanto instância do simbólico, é, portanto, o lugar onde o sujeito se constitui e do qual jamais pode se libertar inteiramente, pois é nele que se produz o sentido que o faz existir.

Se a *alienação* define o momento em que o sujeito se constitui como efeito do significante no campo do *Outro*, a *separação* designa, em Lacan (1964/1998), o movimento pelo qual o sujeito tenta romper com essa determinação totalizante, instaurando uma distância mínima em relação ao *Outro*. A *separação* não é libertação, mas a introdução de uma falta que se revela no próprio *Outro*, permitindo que o sujeito se reconheça como distinto, embora irremediavelmente ligado a ele. Versando sobre o termo latino *separare*, Lacan afirma: “*Parere* é, antes de mais nada proporcionar (um filho ao marido). Por isso é que o sujeito pode se proporcionar o que lhe diz respeito aqui, um estado que qualificaremos de civil” (1957-1958/1998, p. 857).

Lacan formula a *separação* como o segundo tempo lógico do nascimento do sujeito: após alienar-se na cadeia significante  $S_1$ – $S_2$ , o sujeito descobre que o *Outro* — esse lugar de onde o sentido advém — também é marcado pela falta. O *Outro* não é um campo homogêneo de significações plenas, mas um conjunto incompleto, atravessado por

sua própria inconsistência. O sujeito só pode se separar na medida em que percebe que o *Outro* não possui o significante que o definiria totalmente, nem o sentido último de seu desejo.

É precisamente nessa falha do *Outro* que o sujeito encontra o espaço de sua própria existência. Ao reconhecer a falta no *Outro*, ele se depara com o desejo do *Outro* — uma indeterminação que o interpela e o faz desejar também. A *separação*, portanto, não é um desligamento, mas uma reconfiguração da relação com o simbólico: o sujeito deixa de ser apenas o lugar da significação e passa a ser o lugar da falta, o ponto em que o desejo surge como resposta ao enigma do desejo do *Outro*.

Contudo, essa *separação* permanece sempre parcial e precária, pois o sujeito continua dependente da linguagem que o institui. Ele não pode existir fora do simbólico, mas apenas deslocando-se em suas falhas, nas brechas deixadas pela cadeia significante. Em outras palavras, a *separação* não é uma saída da *alienação*, mas sua torção interna: o sujeito emerge no ponto em que a *alienação* no *Outro* é reconhecida como impossível de ser total.

Esse duplo movimento — *alienação* e *separação* — estrutura, portanto, o paradoxo da subjetividade em Lacan. O sujeito é, ao mesmo tempo, produto do *Outro* e resto de sua incompletude; é representado por um significante, mas nunca inteiramente capturado por ele. É nesse intervalo entre a determinação simbólica e o furo no campo do *Outro* que se desenha a topologia da falta, o espaço em que o desejo se articula como motor da existência.

### **A falha na inscrição na ordem simbólica**

A constituição do sujeito, conforme delineada por Lacan, é marcada por uma tensão fundamental entre *alienação* e *separação*. Na *alienação*, o sujeito se inscreve na ordem simbólica e é representado por um significante no campo do *Outro*; na *separação*, ele se reconhece como efeito dessa inscrição, descobrindo que o *Outro* também é faltante, o que abre a possibilidade do desejo. Esse duplo movimento estrutura o sujeito como *falta-a-ser* — uma existência que só se sustenta pela incompletude constitutiva da linguagem.

No entanto, quando essa inscrição na linguagem falha, o sujeito permanece “fora” da ordem simbólica, o que caracteriza, para Lacan (1955-1956/1985), as psicoses. Nesse

contexto, a *foraclusão* ocupa um papel central. Foi somente na última lição do *Seminário 3* que Lacan lançou o termo como tradução do *verwerfung* freudiano, alterando o seu sentido original.

Em todo o caso, é impossível desconhecer, na fenomenologia da psicose, a originalidade do significante como tal. O que há de tangível no fenômeno de tudo o que se desenrola na psicose é que se trata da abordagem pelo sujeito de um significante como tal, e da impossibilidade dessa abordagem. Não torno a voltar a noção de *Verwerfung* de que partir, e para a qual, tudo bem refletido, proponho que vocês adotem definitivamente esta tradução que creio ser a melhor — a *foraclusão* (Lacan, 1955-1956/1985, p. 360).

Trata-se de um mecanismo específico de exclusão de um significante primordial — notadamente o *Nome-do-Pai* — para fora do universo simbólico do sujeito. Diferentemente do recalque, no qual o conteúdo recalcado permanece no inconsciente e pode retornar no sintoma, a *foraclusão* implica uma rejeição radical: o significante não é simbolizado e, portanto, retorna no real sob a forma de alucinações, delírios ou rupturas na coerência simbólica do mundo.

Na teoria lacaniana, o *Nome-do-Pai*, é a função simbólica que opera a mediação entre o desejo da mãe e o lugar do sujeito, instaurando a Lei que separa o gozo primordial da criança e introduz o interdito que torna possível o desejo. Sua ausência compromete a própria estrutura da subjetividade, pois impede a constituição da metáfora paterna e, conseqüentemente, a estabilização do campo do sentido.

A psicose, nesse quadro, é uma estrutura que revela uma falha originária na operação simbólica. O sujeito psicótico não se encontra fora da linguagem no sentido absoluto, mas mantém com ela uma relação desregulada, fragmentária e não mediada pelo *Nome-do-Pai*, impossibilitando, assim, a metáfora paterna.

A *verwerfung* original será tida por nós, portanto, como *foraclusão* do significante. No ponto em que, veremos de que maneira, é chamado o *Nome-do-Pai*, pode, pois, responder no Outro um puro e simples furo, o qual pela carência de efeito

metafórico, provocará um furo correspondente na significação fálica. (Lacan, 1964/1998, p. 564)

Na teoria lacaniana, a constituição do sujeito é inseparável da entrada na ordem simbólica, isto é, no campo da linguagem. Lacan (1964/1985, p. 142) formula que “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”, indicando que o próprio funcionamento psíquico depende da inscrição do sujeito no sistema de significantes que o antecede e determina. A linguagem, enquanto estrutura simbólica, não é apenas um instrumento de comunicação, mas o campo em que o sujeito é produzido como efeito. Nesse sentido, o “homem normal” — o sujeito neurótico — é aquele cuja existência psíquica se estrutura a partir da incorporação das leis simbólicas que regulam o desejo e o sentido.

O sujeito dito “normal” é, portanto, aquele que se reconhece e se organiza dentro da gramática do simbólico, participando da economia da castração e da falta. A função paterna — articulada por Lacan na metáfora do *Nome-do-Pai* — desempenha papel decisivo nesse processo. Como escreve Lacan (1957-1958/1998, p. 563), “(...) Nome-do-Pai, ou seja, a metáfora que coloca esse Nome em substituição ao lugar primeiramente simbolizado pela operação da ausência da mãe.”, instaurando uma separação fundamental entre o sujeito e o gozo primordial. Essa operação simbólica produz o sujeito desejante e possibilita sua inserção no campo social.

Contudo, essa estruturação simbólica não é universalmente garantida. Existem formas de existência que escapam à inscrição plena na linguagem e, portanto, não participam da mesma economia do desejo e da lei.

Essa ausência de mediação simbólica explica as fissuras perceptíveis na relação do sujeito psicótico com o mundo. A linguagem, em vez de ser o espaço compartilhado de produção de sentido, torna-se fonte de invasão e desagregação. Como observa Lacan (1955-1956/1985), a psicose não é ausência de sentido, mas o retorno no real do que não foi simbolizado. Nessa estrutura, a palavra não opera como mediadora entre sujeito e mundo, mas como aquilo que o ameaça e o desorganiza.

A partir da década de 1970, a reflexão lacaniana sobre a psicose abre caminho para uma leitura do autismo como um modo particular de relação com a linguagem. Em

alguns de seus seminários tardios, Lacan sugere que o autismo se diferencia da psicose pelo tipo de relação que o sujeito mantém com o simbólico: enquanto o psicótico é invadido por um significante que retorna no real, o autista parece não ter jamais sido capturado pela linguagem. O autismo, nesse sentido, representaria uma não inscrição no Outro, uma existência anterior ou exterior ao circuito do significante.

Essa condição poderia ser descrita, nas palavras de Lacan, como uma vivência direta no real, sem a mediação simbólica que funda o sujeito. O autista não está “fora” da linguagem no sentido absoluto, mas à margem do funcionamento simbólico que organiza a subjetividade comum. Sua relação com o mundo não é regulada pelo desejo nem pela lei, mas por um tipo de presença que não se traduz em representação. É por isso que, na leitura lacaniana, o autismo interpela a própria definição de humanidade, desafiando o pressuposto de que o sujeito só existe enquanto efeito de linguagem.

Desse modo, a teoria de Lacan articula uma concepção de normalidade fundada na inscrição simbólica e, simultaneamente, reconhece modos de existência que escapam a essa estrutura. Tanto a psicose quanto o autismo revelam o ponto em que a linguagem deixa de ser o suporte da subjetividade e se torna um limite — um “fora” da simbolização que coloca em questão a própria ideia de sujeito e de humano.

A partir dessa leitura lacaniana, a humanidade é pensada como correlata da inscrição simbólica: ser humano é, em última instância, ser falado pela linguagem, tornar-se sujeito no e pelo campo do Outro. O que se encontra “fora” dessa estrutura — seja na psicose, seja no autismo — tende a ser concebido como déficit, falha ou ruptura no processo de simbolização. A normalidade, nesse quadro, define-se pela capacidade de habitar o simbólico e de fazer do significante o eixo estruturante da experiência subjetiva.

É precisamente esse pressuposto que Fernand Deligny põe em questão. Seu trabalho com crianças autistas, longe de buscar sua reintegração à linguagem, leva-o a repensar a própria ideia de humanidade a partir de um outro ponto de vista — um ponto anterior à constituição do sujeito. Em vez de conceber o humano como efeito da inscrição simbólica, Deligny o compreende como tendência inata e impessoal, que se expressa em modos de existência não mediados pela linguagem.

É precisamente esse pressuposto que Deligny põe em questão. Seu trabalho com crianças autistas, longe de buscar sua reintegração à linguagem, o leva a repensar a própria ideia de humanidade a partir de um outro *point de voir* — um ponto anterior à

constituição do sujeito. Deligny utiliza o contraste entre a expressão *ponto de ver* (*point de voir*) que denomina o modo como as crianças autistas recortam o mundo sem a mediação do simbólico e *ponto de vista* (*point de vue*) que é o modo do sujeito visar o mundo mediado pela sua estrutura linguística. Em vez de conceber o humano como efeito da inscrição simbólica, Deligny o compreende como tendência inata e impessoal, que se expressa em modos de existência não mediados pela linguagem.

Assim, sua experiência nas Cévennes desloca o eixo da questão: o que está em jogo não é a inclusão do autista na ordem simbólica, mas o reconhecimento de uma forma de existência que resiste a essa domesticação — uma existência sem sujeito, onde o humano se manifesta como tendência a viver, a se mover, a traçar. É nesse ponto de inflexão que Deligny propõe uma antropologia mínima, capaz de pensar o humano não como ser de linguagem, mas como modo de estar no mundo que desconcerta os padrões hegemônicos de subjetivação.

### **Além do sujeito da linguagem**

A crítica de Deligny à domesticação da linguagem funda-se em uma redefinição radical do que significa ser humano. Para ele, a humanidade não deve se referir à adequação a um padrão simbólico capaz de estruturar o psiquismo enquanto sujeito linguístico, mas a uma tendência inata que desconcerte os modos hegemônicos de existir. Essa proposta desloca o centro da discussão: não é mais a conformidade com a linguagem ou com normas culturais que define o humano, mas a capacidade de abrir trajetórias de vida que desafiem essas normas. “Janmari estava lá, constantemente, como seu ponto de ver sensivelmente distante e diferente do nosso ponto de vista um tanto unânime, em se tratando de todos os que, desde nascidos e mesmo antes disso, foram iniciados à existência simbólica” (Deligny, 1980/2018, p. 178).

Nesse ponto, Deligny desloca a questão antropológica: não se trata de medir a humanidade pela capacidade de entrar na linguagem, mas de reconhecer a humanidade como capacidade de desconstruir e desconcertar o regime normativo da linguagem e da cultura. O humano não é, portanto, um dado fixo, mas uma possibilidade que se realiza na tensão entre o regime domesticado e a abertura a modos de vida impessoais — tensão que encontra expressão nas “linhas errantes” das crianças autistas.

O pensamento de Deligny foi reorientado, definitivamente, a partir de sua experiência com o autismo, em especial pelo encontro com Janmari, uma criança autista

não verbal que foi por ele adotada, e que segundo ele se tornou o seu *maitre à penser*. Sua tentativa, a partir daí, consistia em se colocar no *ponto de ver* (*point de voir*) desses indivíduos vacantes da linguagem, saindo do ponto de vista (*point de vue*) do sujeito da linguagem.

Durante anos, desenhamos mapas, esboçamos tentativas de diferentes maneiras de acompanhar as linhas errantes (rotas “livres”) das crianças autistas que estão conosco. É óbvio que este ponto de ver é completamente diferente do nosso ponto de vista dos sujeitos, para os quais existe o nós. Esses vestígios vistos e revisados modificaram nosso ponto de vista a respeito deles. Era óbvio que entre esse ponto de vista, o nosso, e o ponto de ver deles, a diferença era notável. Chegamos ao ponto de desenvolver uma forma de apontar as trilhas inspirada no uso da bússola. Esse “norte” que não se deve perder de vista pode ser chamado de humano, se realmente quisermos entender por isso algo bem diferente dos produtos aparentemente variados elaborados pela ideologia. Na verdade, esse “algo mais” é justamente o que, “por natureza” escapa à ideologia, que nos torna o que somos (...) A vacância da linguagem, evidente no que se refere às crianças que vêm para ficar “aqui”, permite evocar que haveria um não-sujeito. Uma de duas coisas: ou persistimos em ignorar a ruptura, em agir como se ela não existisse ou fosse apenas aparente, ou devemos tentar ir para outro lugar, permitir que o indivíduo exista, mesmo que de forma intermitente e fugaz (Deligny, 1978/2017 p. 1147).

Em 1965, Deligny foi convidado por Jean Oury e Félix Guattari a viver em La Borde. Francois Dosse (2010) narra assim sua chegada:

Uma noite de 1965, um caminhão para diante do castelo de La Borde. Vem de Cévennes com a pequeno banda de Fernand Deligny, sua companheira, a psicanalista Josee Manenti, ex-mulher de Michel Durafour, com quem viveu doze anos, Yves, o menino autista do filme *Le Moindre Geste*, Guy, um grande enfermeiro, e Marie-Rose. Não tendo mais dinheiro nem onde se fixar, Fernand

Deligny procura refúgio em La Borde para continuar cuidando de seus autistas (p. 68).

Foi em La Borde que Deligny entrou em contato com a psicanálise por meio dos escritos e seminários de Lacan. Provavelmente também foi ali que ele desenvolveu suas primeiras discordâncias em relação à psicanálise lacaniana, construindo uma crítica à linguagem, fundamentalmente orientada por seu encontro com o autismo, como ele deixa entender em carta não publicada enviada à Irène Lézine, datada de 17 de outubro de 1966 na qual ele alude ao seu propósito de realizar uma pesquisa sobre uma linguagem não verbal (Deligny & Lézine, 1955-1977), citado por Miguel (2016). Decerto, a atmosfera linguageira de La Borde contrastava com suas ideias acerca da possibilidade de uma existência humana não linguística.

Não podemos precisar o quanto Deligny leu de Lacan, mas é certo que ele leu os *Seminários 1 (1953-1954/1979)* e *2 (1954/1985)*, mencionados por ele, respectivamente em *Esse ver e o olhar-se ou o elefante no seminário* (1976/2018) e *Quando o homenzinho não está (aí)* (1978/2018). Sua abordagem da obra lacaniana não foi sistemática, mas se concentra em certos temas em torno dos quais gira seus comentários, como é o caso da discussão sobre a constituição do sujeito, sobre o real e o simbólico, e sobre o desenvolvimento das psicoses.

Deligny reconhece a pertinência da teoria lacaniana do sujeito como instância cindida pela linguagem, mas introduz um deslocamento decisivo ao enfatizar que o humano não se esgota na estruturação simbólica. Para Lacan, a entrada na linguagem implica uma tensão constitutiva, marcada pela inscrição do desejo no campo do *Outro*, regulado pelo *Nome-do-Pai*. Nesse processo, o real é concebido como impossível de ser simbolizado, sempre retornando como aquilo que escapa à ordem significante. A psicanálise lacaniana universaliza, assim, o sujeito como efeito da linguagem, concebendo-o como instância central da experiência humana.

Como afirma Miguel (2016), “quando falamos não há coisas, apenas objetos” (p. 457). A partir daí Deligny concorda com Lacan (1985) quando este afirma que a linguagem mata a coisa e o real. Contudo, Deligny pretende resgatar essa coisa que ainda não se tornou objeto, ou o instante fora do sujeito, onde a linguagem deixa de exercer a sua influência. Aqui, Deligny reorienta a noção de inconsciente, não como algo “antes da

linguagem, antes do indivíduo, mas como elemento constituinte que está sempre (ainda) lá” (Miguel, 2016, p. 458). O sujeito seria o excedente que se inscreve no inconsciente, que seria o seu suporte.

Deligny sustenta que a humanidade não se reduz ao sujeito linguístico, mas comporta uma dimensão impessoal, presente e atuante, que não se situa “antes” do sujeito, mas coexiste com ele. Essa dimensão não é da ordem do simbólico, mas do que resiste à sua captura: a “coisa” — aquilo que não se deixa reduzir ao estatuto de objeto, nem ao lugar que o discurso psicanalítico lhe atribui. Aquilo que aparece em Lacan como a negatividade fundamental do sujeito — cindido pela falta estruturante — adquire em Deligny um outro valor: não como pura ausência, mas como abertura ao que permanece fora do alcance da linguagem, ao que se impõe como insistência material do real. A experiência com crianças autistas, como Janmari, evidencia esse deslocamento: elas não confirmam a centralidade do sujeito psicanalítico, mas desestabilizam suas categorias, apontando para modos de existência que escapam à universalização do simbólico. Quanto a isso, Deligny (1980/2018) afirma:

Eu li, como disse, e por vezes reli, bom número de páginas escritas em psicanálise. Língua estrangeira, como eu disse. Mas de onde pode vir essa estranheza? É que talvez a coisa, o real, aí não exista, a porto de o autismo ser considerado uma exibição: o sujeito se cala e se refugia na identificação com um objeto qualquer, daí se veria o aniquilamento do sujeito. O autista — este Janmari aqui, no caso — desempenharia, portanto, um papel, sendo sua atitude manifesta a da exibição e sua atração pela coisa explicável pelo fato de que s seria movido por uma espécie de tropismo identificatório. Coisa alguma, portanto; só existe objeto, visto que há, a priori, sujeito e, quando este não existe, é porque se encafua e se aniquila. Em outras palavras, quando o objeto se torna coisa é o nada ( p.179).

Ao invés de conceber o sujeito como única figura possível do humano, Deligny propõe pensar a coexistência de ordens distintas — o *espírito* do sujeito e o *espírito* do comum — em que a linguagem é apenas uma das tramas possíveis. Nesse horizonte, o humano se desenha não como destino da inscrição simbólica, mas como campo de coexistências em que o sujeito é apenas uma modalidade entre outras de vida.

Aqui se colocam em contraste duas matrizes: de um lado, a concepção lacaniana da psicose e do autismo como efeito de uma falha de inscrição no simbólico (a *foraclusão* do *Nome-do-Pai*); e de outro, a proposta de Deligny de pensar esses modos de existência não como defeito, mas como expressão de uma normatividade própria. O silêncio no autismo, não remete a uma demanda dirigida ao *Outro* — como na psicanálise —, mas à irrupção de algo irreduzível, que não pode ser traduzido no registro da significação. O silêncio, nesse sentido, não é vazio, mas força formativa.

Na tradição psicanalítica, a psicose — e por extensão o autismo — é pensada como consequência da *foraclusão*: exclusão do *Nome-do-Pai* e, portanto, impossibilidade de inscrição do sujeito no campo da metáfora paterna e na função fálica. Essa ausência seria responsável pelo caráter “fora do discurso” da psicose, segundo Lacan, com bem observa Veloso (2009), definindo sua diferença essencial em relação à neurose. Ainda que Lacan reconheça a psicose como um outro tipo de ordem do sujeito, sua abordagem permanece vinculada ao primado da estrutura simbólica: mesmo na exclusão, o sujeito continua sendo concebido como efeito da linguagem.

Deligny, por sua vez, subverte essa lógica ao deslocar o problema do “defeito” para o da coexistência de modos de ser. O silêncio das crianças autistas não é índice de uma falha de inscrição, mas expressão de uma outra normatividade, de uma outra forma de habitar o mundo, que não se orienta pela lógica da demanda ou do desejo do *Outro*, mas por um apelo que não passa pelo sujeito, nem pelo discurso, e que exige do adulto não interpretação, mas disponibilidade perceptiva. É nesse ponto que Deligny se afasta da psicanálise: em vez de reintegrar o mutismo e a incoordenação ao quadro de uma estrutura subjetiva, ele propõe acolher essas manifestações como expressão de um fundo impessoal, anterior e exterior ao sujeito, que só pode ser respeitado através das práticas mínimas que configuram um meio de vida.

### **Considerações finais**

A leitura lacaniana da subjetividade consolidou, no século XX, uma das mais potentes formulações sobre a constituição do sujeito a partir da linguagem. Ao situar o inconsciente como estruturado como uma linguagem, Lacan concebe o sujeito como efeito da inscrição simbólica, resultado da mediação do *Outro* e da operação do significante. Nessa perspectiva, a entrada na ordem simbólica é o acontecimento que funda a humanidade, ao mesmo tempo em que produz a clivagem essencial do sujeito:

ser falado implica perder algo de si, tornar-se falta. A normalidade psíquica é, assim, o efeito da submissão à Lei — à função do *Nome-do-Pai* — que introduz o desejo e regula o sentido. Em contrapartida, a psicose e o autismo, enquanto falhas de inscrição simbólica, aparecem como desvios ou impossibilidades de se constituir plenamente como sujeito.

A experiência com crianças autistas levou Deligny a questionar o paradigma que identifica a humanidade à capacidade de falar e representar. Se, para a tradição filosófica e psicanalítica, a linguagem é o que separa o humano do animal, para Deligny, essa separação é antes um efeito de domesticação — uma operação histórica que submete o viver às formas simbólicas de reconhecimento. Ele escreve: “Tudo se passa como se, pela necessidade de ter de usar a linguagem, tivéssemos de fazer constantemente um desvio pela história acumulada (...). O homem conseguiu domesticar-se inteira, completamente, e neste estado de domesticação inveterada, a ela se agarra, com a energia do desespero” (Deligny, 1978/2017, p. 1182).

Nesse sentido, a linguagem, longe de ser apenas mediação ou estrutura, é também instrumento de confinamento: ela delimita o que pode ser percebido, pensado e vivido. As crianças autistas, ao existirem fora desse circuito, tornam visível aquilo que o regime simbólico tende a obliterar — um campo de gestos e ritmos impessoais, fora da subjetividade. É nesse plano que Deligny (1975/2017) situa o humano em nós: não como sujeito de linguagem, mas como tendência inata a existir, atravessando humanos e não humanos, falantes e não falantes.

O que está em jogo, portanto, é uma redefinição radical da humanidade. Contra a concepção lacaniana, segundo a qual a inscrição simbólica constitui a condição mesma de ser humano, Deligny propõe uma antropologia das existências mínimas, em que o humano se reconhece justamente naquilo que escapa à domesticação da linguagem. As crianças autistas não seriam, assim, seres “fora da humanidade”, mas expressões de uma força de desconcerto que desestabiliza o que se entende por humano.

A humanidade, em Deligny, não se mede pela adequação a um padrão simbólico, mas pela capacidade de coabitar o fora — esse espaço onde a linguagem falha, e ainda assim algo insiste em existir. Nessa falha, o humano se reconfigura não como sujeito, mas como trama de gestos, linhas e presenças que compõem um meio comum sem centro, sem lei e sem representação.

Deligny convida, assim, a reconsiderar o que entendemos por humanidade. O que a psicanálise toma como desvio — a falha da inscrição simbólica — aparece, em sua experiência, como força de desconcerto, como aquilo que desorganiza os modos hegemônicos de ser sujeito e restitui ao humano sua dimensão mais elementar: a de existir entre, coexistir sem centro, sem sujeito e sem palavra. Nesse deslocamento, abre-se a possibilidade de uma ética do fora, em que pensar o humano não significa reafirmar a forma-sujeito, mas acompanhar o que nela escapa — o gesto, a linha, o traço errante de uma vida que insiste em não se reduzir à linguagem.

O contraste entre Lacan e Deligny, portanto, não se reduz a uma oposição entre linguagem e não linguagem, mas revela duas ontologias do humano. A primeira, simbólica e estrutural, define a humanidade pela capacidade de significar; a segunda, sensível e impessoal, localiza o humano em uma dimensão fora do sujeito — na trama de gestos, afetos e movimentos que compõem um meio comum. Nessa perspectiva, o “modo de ver autista” não é uma deficiência, mas uma abertura para o impensado: a possibilidade de perceber o mundo fora das grades da significação, no espaço onde o humano e o não humano se entrelaçam sem hierarquia. Em última instância, se para a psicanálise o sujeito só existe ao inscrever-se na linguagem, em Deligny vislumbra-se o inverso: um existir que começa onde a linguagem cessa — ali onde o humano se desfaz como forma e reaparece como trama, como vida que persiste fora do sujeito.

### Referências

- Deligny, F. & Lézine, I. (1955-1977). *Correspondência. Inédita*. Paris: arquivos de L'Arachnéen.
- Deligny, F. (2017). *Nous et l'innocent*. In: *OEuvres*. Paris: L'Arachnéen (Original publicado em 1975)
- Deligny, F. (2017). *Le Croire et le Craindre*. In: *OEuvres*. Paris: L'Arachnéen. (Original publicado em 1978).
- Deligny, F. (2018). *Esse ver e olhar-se ou o elefante no seminário*. In: *O aracniano*. São Paulo: n-1. (Original publicado em 1976).
- Deligny, F. (2018). Quando o homenzinho não está (aí). In: *O aracniano*. São Paulo: n-1. (Original publicado em 1978)

- Deligny, F. (2018). *A exibição*. In: *O aracniano*. São Paulo: n-1. (Original publicado em 1980).
- Dosse, F. (2010). *Gilles Deleuze e Félix Guattari. Biografia cruzada*. Porto Alegre: Artmed.
- Freud, S. (1972). *A interpretação dos sonhos*. In Freud, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago, v. 2 e 3. (Original publicado em 1900).
- Freud, S. (1975). Moisés e o monoteísmo: três ensaios. In Freud, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago, v. 23. (Original publicado em 1939).
- Freud, S. (1976). *Conferências introdutórias sobre psicanálise (partes I e II)*. In Freud, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago, v. 15. (Original publicado em 1917).
- Lacan, J. (1979). *O Seminário: Livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Original publicado em 1953-1954)
- Lacan, J. (1985). *O Seminário: Livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Original publicado em 1954).
- Lacan, J. (1985). *O Seminário: Livro 3: as psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Original publicado em 1955-1956)
- Lacan, J. (1985). *O Seminário: Livro 11. os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Original publicado em 1964).
- Lacan, J. (1998). *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose*. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Original publicado em 1957-1958).
- Lacan, J. (1998). *Posição do inconsciente*. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Original publicado em 1964).
- Miguel, M. (2016). *À la marge et hors-champ - L'humain dans la pensée de Fernand Deligny* (Tese de Doutorado). Université Paris 8 Vincennes-Saint-Denis.

Veloso (2009). Psicose e discurso no contexto da teoria lacaniana. Rio de Janeiro: *Ágora*, v. XII, n. 1, p. 75-89.

#### **Declaração de Conflitos de Interesse**

Declaro não possuir nenhum conflito de interesse de natureza financeira, comercial, política, acadêmica ou pessoal que possam ter influenciado os resultados ou as interpretações apresentadas neste manuscrito.

#### **Declaração de Disponibilidade de Dados**

Em virtude da natureza teórico-conceitual deste trabalho, não foram gerados conjuntos de dados empíricos

## Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.